

ÉTICA E HUMOR: ALGUNS TEXTOS E REFLEXÕES

Heloisa Pait

Apresento aqui alguns textos de minha autoria, e lanço a partir deles uma reflexão sobre o humor e a ética. São contos curtos, de natureza autobiográfica, alguns divertidos e outros mais reflexivos. Alguns de meus contos já apareceram em revistas brasileiras e americanas e tiveram comentários elogiosos de escritores e jornalistas. Meus contos mais recentes têm trazido dois elementos que até me surpreenderam. O primeiro é o tão falado humor judaico, que eu sempre gostei e sempre usei para me expressar, mas que não tinha tido lugar nos meus escritos até então. O segundo é uma grande preocupação ética. O que é certo fazer? Será que os livros têm as respostas? Que peso devem ter os valores de meus pais? Quais as buscas que fazem sentido hoje? Penso que o humor e a ética se relacionam porque o primeiro brinca com o abismo entre o que somos e o que deveríamos ser, e desenvolvo esta idéia depois de apresentar os contos.

A LAGOSTA JUDIA

Era uma vez uma lagosta judia, muito observadora das leis de sua religião. A lagosta lia a Torá com tamanha devoção que chegava a espantar seus amigos do mar. Os cavalos marinhos e ostras achavam que se tratava de uma fase, comum nos crustáceos, de busca espiritual. Mas a tal “fase” não parecia ter fim, e não era difícil ver a lagosta preparando-se para seu sereno Shabat, cobrindo suas pernas até a altura do que ela, solitariamente, interpretava serem seus “joelhos”, e recontando a quem se dispusesse a ouvir as agruras do povo que ela queria fosse o seu.

Um dia a lagosta, achando que no mar, que ela adorava tanto, lhe faltava a vida e conhecimento judaico que precisava, disse adeus a seus amigos e embrenhou-se em terra firme. É bem verdade que a praia e a serra do mar eram bonitas, mas decepcionou-se: havia poucos membros do povo eleito naquelas paragens, a não ser nos fins-de-semana, quando a confusão geral tornava indistinguíveis os justos e os iníquos, os sábios e os pagodeiros. Com muito custo, a lagosta judia chegou a São Paulo de Piratininga, no alto da serra, e foi ter com um rabino liberal. Mal tinha explicado seus anseios espirituais, e o bom rapaz, formado pelo Jewish Theological Seminary de Nova York, foi botar água para ferver “para um café”. A lagosta deu no pé, pois o borbulhar da água fervendo, independentemente das intenções do moço, lhe recordavam coisas muito tristes que ela guardava em comum com o povo judeu, do qual queria tanto fazer parte.

A lagosta perambulou, lagostamente, entre carros em disparada e moças de salto alto, pelas ruas de Piratininga, quando deu de cara com uma sinagoga bem ortodoxa. Burlou esquemas de segurança complicados, e viu-se cara a cara com o rabino gorducho. “Gorducho, talvez,” ela pensou, “mas lagosta ele não come.”

Esse primeiro pensamento da lagosta, cheio de confiança e de esperança, marcou o início de um longo diálogo entre um rabino ortodoxo formado em Jerusalém, onde aliás não há lagostas, e uma lagostinha bem brasileira, esperta e determinada como a nossa. O rabino, encantado com aquele crustáceo tão corajoso, logo perguntou o que a lagosta queria em sua sinagoga, e como ele poderia ajudá-la, já que comê-la ele não poderia.

A lagosta, expressando-se com suas patas grossas e flexíveis, disse que queria, apenas, ser judia.

Foi um baque para o rabino. Ele tinha sido treinado para realizar conversões quando o gentio se mostrava suficientemente persistente em sua meta. Mas um animal poderia se converter? E, ainda mais, sem querer ser preconceituoso, um animal treif? “Você não pode me comer,” disse a lagosta, “mas onde está escrito que não pode me converter?” Aquele jeito de argumentar, aquele tom levemente acusador, aquela esquelito externo que ganhava um tom arruivado no sol, como as filhas sardentas do rabino, aquilo tudo amoleceu o rabino, que pensou para consigo mesmo: “Se D’us fez uma só lagosta judia no universo, ela está aqui falando com esse humilde estudioso de Suas leis.” A verdade, nua e crua, é que o rabino emocionou-se diante daquele bicho treif, impróprio para a alimentação de um judeu temente a D’us, e, consciente de sua emoção imprópria, ficou vermelho feito um camarão.

“Mas, e seus amigos?”, o rabino perguntou. “Vai continuar andando com lagostas, camarões, mariscos e outras delí... e outros bichos proibidos?” A lagosta respondeu que, ao sair do mar, tinha se despedido de todos os seus amigos queridos, e feito uma opção pela sua fé, e pelo seu povo. “Polvo?”, o rabino perguntou. “Po-vo!”, a lagosta disse. “Povo!”, repetiu para si própria, já um pouco irritada. “O povo que seguiu Moisés pelo deserto, que guardou a Torá depois da destruição do Templo, esse povo.” O rabino, humilde, desculpou-se, e lhe fez uma oferta. “Na casa de minha tia Ana, em Santos, tínhamos um tanque no quintal onde ficavam as tartarugas. Não vou poder lhe dar um lugar de honra na minha sinagoga, você sabe, todos aqui são um pouco, bem são um pouco muito, entende? Então deixo a porta aberta na hora das rezas, e você fica no tanque assistindo de longe, tudo bem?

A lagosta ficou assim entre o feliz e o triste. Estava contente por, enfim, tomar parte de cerimônias das quais apenas ouvia borbulhar, no mar. Mas num tanque, à

distância, longe de todos? E só por ser um bicho treif? D'us também tinha feito os bichos treif, e se eram treif, não eram por culpa deles, e sim Dele, oras. Mas tinha que reconhecer a bondade do rabino ortodoxo, que não a havia comido com manteiga.

E assim, dia após dia, a lagosta começou a fazer parte do dia-a-dia daquela comunidade de Piratininga, com judeus vindos das mais remotas partes do globo, até do mar. As crianças pequenas foram as que primeiro notaram o bicho marinho: sem distingui-la de outros bichos, alguns a protegeram, outros a infernizaram. Não vou dizer que judiaram dela pois minha avó, por alguma razão, era contra essa expressão. E ela é que sabia contar histórias!

Aos poucos os jovens perceberam o crustáceo ali, e logo quiseram levar para uma experiência na escola. Mas o rabino, sutilmente, sem nunca publicar a verdadeira razão de sua presença no local santo, os dissuadiu. E a lagosta foi ficando, foi ficando. Os velhinhos, quando a viram, deram risada: os tempos haviam mudado mesmo! Uma lagosta na sinagoga! Só faltava ser judia, a lagosta!

Era isso mesmo: só faltava ser judia, a lagosta!

UM GAGO CLASSE “A”

Meu pai entrou na fábrica, viu uma máquina nova e pegou o engenheiro pelo braço para que este a mostrasse.

O engenheiro deixou as explicações para o operário. Era jovem, queria fazer negócios e não saber de máquinas.

O operário não. Gostava da máquina, ainda mais quando outros se interessavam. Começou a falar, profundamente entusiasmado e fanho.

Meu pai o interrompeu, bravo e fanho:

– Você num me imita!

O homem levou um susto.

– Você num me imita não! – meu pai repetiu autoritário.

– Desculpa, doutor – o operário disse tão fanho quanto antes.

Meu pai deu-lhe as costas, retornou, repetiu:

– Num me imita – ele gaguejou levemente no “num”.

O operário lentamente voltava a si. Se ele, operário, o imitava, era porque o doutor era fanho. Era fanho, o doutor.

– Doutor, eu não fiz por mal, me desculpa.

Meu pai tirou a expressão ofendida do rosto, disse que tudo bem, apertou a mão do homem e foi até o escritório fechar negócio.

Na saída, viu de longe o operário, que dessa vez, mais inteirado da situação, sorria cúmplice, quase irônico. Os dois acenaram, tinham ambos feito um ótimo negócio!

Minha analista não tinha dúvidas quanto a esse traço do caráter de meu pai: era sádico.

Um dia eu estava lá em cima e meu pai lia o jornal na sala.

– Guga, esse filósofo alemão está no Brasil, vê se vai vê-lo.

– Que filósofo??

– Amanhã, no auditório da USP. Esse filósofo que todo mundo fala, Habermas.

– Ah não, é um chato.

– Não, você tem que ir, ele é muito importante.

Meu pai era um iconoclasta. Havia alguns profetas, havia Filippo Brunelleschi, Frank Lloyd Wright, Jacó Schnaider (o bisavô que tirou a família da Rumania), Winston Churchill, um professor de desenho que projetou a Igreja de N. S. do Brasil, e o resto era uma merda de gente. Nunca me disse para seguir algo ou alguém, nem a ele mesmo.

– Ele escreve, escreve, e não diz nada, pai. É só badalação.

– Não é possível, se é um cara tão respeitado!

Era estranho ouvir isso do meu pai.

– Sabe, pai – eu disse fechando minhas coisas e descendo a escada – você é que tinha que ir vê-lo.

– Eu? Por que?

– O Habermas tem lábio leporino, um defeito congênito. Teria sido levado às câmaras de gás se seu pai não fosse muito ligado à cúpula nazista. Em suma, é fanho, completamente. Dizem que não dá pra entender o que diz, apesar de ele escrever sobre a “ação comunicativa”.

– Você tá brincando!

– Não, é isso mesmo.

– Fanho?

– Fanho.

Mudei o tom. Eu não informava mais, pedia:

– Pai, imita o Habermas.

– Ah, não.

– Ah, por que não? Imita, vai!

– Ah, filha, não.

– Imita, vai! Você não imita sotaque carioca ídish? Então imita alemão fanho.

Para mim o problema era apenas técnico.

– Filha, eu não posso.

Eu já desistia. Não era questão de não conseguir, era de não poder. Meu pai apoiava a cabeça nas mãos.

– Eu não posso fazer isso.

Aos poucos a cabeça de meu pai se levantava e uma música alemã era ouvida na sala, uma música bem conhecida, de um outro desses profetas.

– O F-f-f-freunde, nicht dies-s-s-s-e Töne! Sondern lasst uns ange-ange-angenehmere anstimmen, und freudenvo-vo-vollere!

As palavras empacavam, a melodia puxava, a cabeça dava voltas regendo tudo. Não era a imitação que pedi. Reverberava na sala a interpretação gaga da alegria da vida e das promessas da humanidade.

– Freude, schöner Götterfunken, Tochter aus Elysium...

Meu pai olhou para mim.

– Wir betreten feuer-trunken, Himmlische, dein Heiligtum!

Aplaudi. Nunca tinha ouvido algo assim. Eu não sabia aquilo.

A última história de gago que tenho pra contar é mais bobinha, mas refuta a tese de sadismo por completo.

Meu pai cruzava a cidade em seu Ford K branco, em busca de clientes, e se perdeu no caminho. Parou o carro em frente a um bar e perguntou, gago até a alma, como se chegava à Avenida Tal. Os moços vieram ajudar, cada um aprimorando as indicações do outro, pois meu pai já era um velhinho. Ele repetiu as indicações, gago,

para ver se havia entendido bem, agradeceu efusivamente com os óculos caídos no rosto, estilo Jânio Quadros, e engatou a primeira.

Mas rodou devagar o suficiente para escutar as risadas dos solícitos rapazes e um comentário animado:

– Vocês não viram que gago classe “A” era esse!

– Que gagos são esses que você imita, pai?

– Não imito ninguém. Eu fui gago.

– ??

– Durante seis meses fui gago. Era criança, uma empregada idiota se cobriu com um lençol e me assustou como se fosse um fantasma. “Equinho, fala direito!” Não adianta você falar para um gago falar direito. Como aquilo me irritava.

Meu pai nunca tinha falado mal da mãe dele, nunca tinha apontado um defeito. E nem agora falava mal propriamente. Imitava o sotaque ídich da mãe, retomava o apelido familiar e a época em que sustos o deixavam gago.

– Eu tinha também um eczema no braço, alergia, sei lá, “Equinho, não se coça, Equinho, fala direito.”

Meu pai fez expressão de repulsa. De repente a mãe tinha sido equiparada a outras mulheres, como a irmã Guita e a sogra D. Carlota, que achavam que o mundo devia ser feito apenas de pratas reluzentes e banheiros secos, e que se sentiam na obrigação de ordenar aos gagos que falassem direito e aos tortos em geral que se endireitassem.

É por isso que digo à minha analista, à confessoria moderna que nos redime de nossos pecados da vida cotidiana, que não é sadismo. Os gagos do meu pai eram

estranhos odes à alegria. Afirmações de que gagueiras, coceiras e imperfeições em geral, puníveis com a morte em outras sociedades, deveriam apenas ser motivo de riso.

O BARRANCO DO RABINO

Falei para meu pai na cozinha, um lugar em que raramente nos encontrávamos:

– Ó, pai, acho melhor você ir menos lá no tio Gilberto. Eles tão com um papo muito pra baixo, eu sai de lá pesada, sabe? E você tem que se cuidar.

Eu tinha visitado meu tio Gilberto e minha tia Guita, irmãos do meu pai. Estavam vivos.

– Ah, não, com você também? – Parecia que meu pai sabia do que eu estava falando. – A Guita te falou do cantor de sinagoga que morreu?

– Falou.

Não é que meu pai sabia mesmo as histórias? Ele disse que era, de fato, um cantor da época deles, maravilhoso, que tinha morrido. Doía muito saber que não ia mais ouvir a voz dele, meu pai explicou depois, mas pra quê remoer?

– Te falou do Cacau?

– Falou.

Cacau era um “relativo” do meu pai, como se fala em inglês, freqüentador da alta sociedade paulistana. Na época o carro dele tinha aparecido com um tiro no pára-brisa, alguns meses depois ele fez uma festinha com substâncias modificadoras de humor no apartamento da família no Guarujá, e mais recentemente o carro deu perda total numa batida.

– Ai, ai, ai.

Meu pai ainda mencionou uma ou duas tragédias das quais eu havia sido informada logo antes. Tudo assim rápido, ele falava a palavra-chave, cacau, cantor, eu assentia, ele passava à próxima tragédia.

– Te falou do barranco do rabino?

– Não, do barranco do rabino, não. Que história é essa?

Eu tinha lido a obra de Isaac Bashevis Singer. Não era meu mundo, não eram meus fantasmas, mas eu sabia que havia satãs por aí, açougueiros kosher dominados por desejos inconfessáveis, homens justos com muitas esposas. Aquilo me atiçou. A tia Guita tinha me contado todos os dramas mexicanos e me sonegado o drama ídish? O que era o barranco do rabino? Ele tinha vendido um terreno e era só um barranco? E a comunidade o apedrejou? Ele tinha se escondido num barranco? Com quem? Fazendo o quê? Que barranco, pai?

O rabino tinha sido enterrado num pedaço íngreme do cemitério. Para a tia Guita, isso era um desrespeito. Não me pergunte por quê, o meu judaísmo não chega a tanto. Mas é fato que os judeus tem uma grande reverência pelos mortos, e procuram enterrá-los em locais dignos. Parecia também que havia uma hierarquia entre os diversos spots do cemitério, que se refletia em preços mais altos ou baixos. O rabino iria ficar para a eternidade meio torto, escorregando em seu barranco. Eu queria uma história ídish? Aí estava.

Aquelas histórias mataram meu pai. Parecem engraçadas agora, mas ditas pela minha tia Guita apertavam o seu peito e franziam o seu rosto, te deixavam borocochô por uns dias. “A Guita está indo por um caminho muito perigoso”, meu pai disse, se referindo a essa inesgotável amargura. Realmente, ela em um ano perdeu os três irmãos.

Não é estranho tudo isso? Meu pai era um arquiteto modernista, ateu até a última gota de sangue, e de repente soava como um bruxo, dando ouvidos à irmã doente, se envolvendo com problemas familiares quando sempre o que importou eram as exposições, a derrota alemã na segunda guerra mundial, as cores da cidade, as imitações de fanho?

Eu quero explicar tudo mas essa história é mais Bashevis Singer mesmo que Heloisa Pait. Deve ter sido algum Dibbuk solto por aí, cansado dos velhos hotéis de Miami, que veio assoprar coisas ruins para o meu pai. Nós o enterramos num lugar “top” do cemitério, com sol o ano todo, e uma vista nada má. Não chega a ver as antenas da Paulista ou o Pico do Jaraguá, como daqui de casa, ou a Serra do Mar, como da casa de Ubatuba, ou a Pedra do Baú, como do terreno em Campos do Jordão. Mas em termos de cemitério, era o melhor possível.

SUICÍDIO NA RODOVIA DOS TAMOIOS

Suicídio é um crime muito mal visto na tradição judaica, e quem conhece o caso Herzog sabe disso. O jornalista quase foi enterrado numa ala periférica do cemitério por conta das declarações oficiais de que sua morte foi causada por ele mesmo.

Não conheço o fundamento ético dessa birra com os suicidas. Especulo que se o sujeito mata, rouba ou falsifica, o crime pode ser punido. Mas o suicida rouba a Deus o direito de castigar, e o Deus judeu é bem cioso dessa prerrogativa.

Hoje em dia mesmo os suicidas genuínos vêm conquistando o direito a um enterro digno, junto às prostitutas, um outro grupo judaico bem mal visto. Os estelionatários e contrabandistas são mandados ainda em vida para Israel, mas quando morrem não são alvo de nenhuma discriminação.

A inclusão das prostitutas em solo sagrado tem a ver com uma historiografia de esquerda que passou a vê-las como vítimas de redes de exploração internacionais, e não mais como mulheres amorais. A inclusão dos suicidas deve-se aos avanços da medicina, que trata a depressão como uma doença com componentes físicos bem marcados, e não como uma opção da pessoa.

Mesmo assim, o suicídio é sempre um choque, e quando o Arno se matou na estrada para Ubatuba, não foi diferente. O Arno e a Mariazinha eram um dos casais amigos de meus tios, cunhados de meu pai. Eram todos descendentes de alemães mas alguns, para espanto de minha avó, “não eram anti-semitas”. Meu pai nunca os engoliu, entretanto. Bebiam demais, falavam muito, e eram alemães.

O Arno e a Mariazinha, ao contrário, eram gente direita. As filhas eram educadas e uma delas era bem minha amiga, nas férias em Ubatuba. Se chamava Patrícia ou Cristina. Tinha o cabelo loiro e liso, mas não era um loiro Gestapo. Andávamos de bicicleta na praia da Enseada.

Quando o Arno morreu a nossa casa no Tenório já estava pronta e tínhamos perdido contato com os alemães. Meu pai soube da história por colegas de trabalho. Contou que o Arno encostou o carro na estrada, se encheu de comprimidos, acendeu um cigarro e esperou. Meu pai disse aquilo em voz baixa, com uma certa deferência. Eu e meu irmão, se não perguntamos por que, pensamos, e meu pai explicou. Ele era muito doente, ouvia vozes e via vultos. Nas rodas de caipirinha às vezes puxava meu pai de lado e perguntava o que tinham falado dele na sua ausência, quando foi ao banheiro.

– Mas parece que ele se matou num momento de lucidez.

Não tinham aterrorizado o Arno as vozes e vultos, mas a consciência da própria doença, a qual ele pôs fim no trajeto para Ubatuba.

No extremo oposto da linha de decência, em cujo ponto mediano, mediano superior, estavam meus tios, pequenos ladrões de geléias e heranças, estava o sujeito da Botica O Veado de Ouro, que vendeu placebo para pacientes oncológicos. Um tio dele ou da mulher tinha sido oficial nazista, e parece que o gosto por experimentos médicos não tinha sido saciado na família.

Não sei se cumpre pena ou se já se safou. Garanto que não ouve vozes, não se incomoda com o que falam dele, e nem tem consciência da própria doença. Ainda bem que não é judeu, pois seria para as autoridades rabínicas um pepino maior que os suicidas, falsos e verdadeiros.

AS MÃOS

Eu o vi almoçando quando voltava à minha mesa com a salada de frutas na mão, e perguntei toda feliz se podia sentar junto dele. Ele disse que sim, e ainda tirou da cadeira à sua frente a sacola de ginástica, eu podia sim sentar lá.

Falamos no começo coisas simples, apenas evitando o silêncio. Não nos víamos há tempo. Ele disse que ia pegar um segundo prato no bufê, levantou e me deu as costas. Como é que come tanto e é magro?, pensei. Depois, com ele longe, voltado para os vários pratos quentes e frios, olhei minhas mãos. Ressecadas da piscina, sem pintura, mas o que me chamou a atenção era que tremiam vigorosamente. Ele escolhia a comida com cuidado e ainda tive tempo de olhar minhas mãos mais uma vez: tremiam mesmo.

Por que minhas mãos tremiam? Elas tremiam pouco em palestras, menos ainda em confrontos com funcionários públicos, eu não tremia à toa. Alguns homens me intimidavam, verdade. Os muito bonitos, muito inteligentes, ou muito arrogantes. Esse, diziam, era arrogante sim. Mas tratava-se daquele arrogante básico de todo judeu, não

era um arrogante que eu chegava a reparar. Tínhamos escrito o maior best-seller de todos os tempos, e isso nos dava um ar de Hollywood star, andávamos sempre como se pisássemos em tapete vermelho. Às vezes nos queimavam vivos por causa do bendito best-seller, mas isso não tirava o mérito da vendagem.

Era bonito sim. Tinha os olhos claros, cabelos escuros, falava pouco. Usava jeans e tênis de caminhada, sentava de um jeito displicente, beirando o ennui. Inteligente também: era daqueles homens que a gente acha que sabe tudo. No almoço comentou um de meus trabalhos: “ah, isso não é minha área”, e simplesmente não acreditei. Olhei para ele abobalhada, ele fez uma pergunta técnica, respondi vagamente, mudamos de assunto. Fazia pouco do próprio conhecimento: “Em terra de cego, quem tem um olho é rei.” Era por isso que minhas mãos tremiam?

Ao longo do almoço sobrevivi. Não podia pensar com as mãos daquele jeito, mas falei coisas inteligentes que saíam da boca sem esforço, pela prática, e pude até apresentá-lo sorrindo a dois conhecidos cujos nomes em situações normais eu não lembraria de jeito nenhum. Não usei o truque de simplesmente escutar, porque ele não era mesmo de falar muito. No mais, meu corpo estava normal. Comi a salada de frutas. O que faz as mãos de uma mulher tremerem?

A uma certa altura trocamos confidências, falamos de nosso ócio, dos livros que deixamos de escrever e das pesquisas só começadas. Éramos dois empresários sussurando, nem envergonhados nem orgulhosos, como burlavam o fisco, como botavam menos biscoito no pacote. Nesse momento gostei mais dele, pude olhá-lo nos olhos, eram mesmo bonitos, tremi menos.

Gostava do jeito que ele escrevia, às vezes chutando o balde como um menino irritado, às vezes sóbrio, contido como um senhor respeitável. Eu escrevia sempre com

minha delicadeza estabanada, para onde quer que fosse. Não adiantava, eu tentava, seguia as instruções, não conseguia. Sempre a mesma poesia canhota, o mesmo lirismo gago. “Não bote que seu personagem vomitou, Helô,” um amigo me disse, “não combina”. Meus personagens eram assim, coitados. No melhor da festa torciam o pé.

Mas eu gostava do jeito que o Marshall Berman escrevia, gostava do jeito que o Ivan Ângelo escrevia, e minhas mãos não tremiam quando os via. Era outra coisa. Era outra coisa. Eu ficava besta era de ver o trabalho dele. A cada dia, trabalho árduo como os trabalhos de antigamente, que cansavam os homens. Trabalho braçal mesmo, por isso comia tanto? E ele dava conta, até um pouco tranqüilo, quando acabava dizia tchau e pronto, sem se gabar, sem alardear que suas mãos tinham encerrado mais um dia. Para mim tudo era um esforço, para mim as coisas tinham um peso tão grande, o pescoço doía. Saía zozza sem saber onde estava, se ia para a direita ou para a esquerda.

Pela ordem natural da vida, que mãos fazem as mulheres tremerem?

WRIGHT AND KEYNES

Depois do almoço, quando todos já tinham saído e ficamos só nós dois como duas xícaras de café vazias, perguntei ao meu pai, que tinha finalmente se recuperado de uma difícil cirurgia cardíaca:

– E você, como anda?

– É, indo.

Fui dura:

– Mas você não é mais o mesmo, né?

– Não...

Não era, meu pai explicou, cabisbaixo, procurando palavras para me dizer alguma coisa que eu já sabia. A energia, a vontade de trabalhar, tudo tinha ido embora.

– Não foi por ter parado de fumar? Dizem que a nicotina é um super estimulante.

– Nem fumar eu quero.

Fumar tinha sido tudo para o meu pai. Na foto da visita de Frank Lloyd Wright, de um lado de meu pai está o arquiteto americano, de outro o cigarro. Com as mulheres ele aprendeu a fumar, mas com o cigarro, provavelmente, a amar.

Meu pai fumava e regia orquestras imaginárias enquanto trabalhava, e agora nem fumar queria.

– Antes, se eu estivesse num ônibus e visse um sujeito com algum troço interessante lá na frente, ia falar com ele!

Aos poucos o ânimo voltava enquanto ele falava do desânimo. Voltava o ônibus, as cenas improváveis e vivas de minha infância. Voltava o contador de histórias que não eram nem de verdade nem faz-de-conta. Voltava o meu pai.

– Eu era um cara interessante, sabe? – ele me dizia como se tivesse acabado de me conhecer num ônibus urbano.

– Eu – ele disse enfático – eu mesmo me achava interessante!

Minha risada veio como um soco, eu não esperava aquela inversão cerebral. Claro, que ele não fosse o mesmo nem importava muito. Meu pai não era um Fernando Henrique Vaidoso. Mas que ele não visse mais graça em si mesmo, isso o chateava profundamente.

Foi a partir dessa repentina falta de interesse em si mesmo que meu pai começou a olhar de maneira atenta e serena para nós. Me pediu para explicar as idéias de John

Maynard Keynes. Escutou atento minha proposta para o capítulo 4 sobre o papel dos professores na era da mídia, sentado, fazendo perguntas. Acompanhou a hospitalização das minhas duas sobrinhas que pegaram uma virose quando o pai estava no exterior.

Não era mais o entusiasmo quase infantil com meus cabelos ruivos que brilhavam ao sol, ou com a inteligência fora do comum de meu irmão. Era alguma coisa mais densa e tranqüila, um deslocamento lento do olhar em direção a algo que sempre esteve à sua frente.

Foi bom. Foi tudo bom. Não digo que essa atenção tardia tenha me suprido carências antigas, porque eu tive sempre tanta atenção, mãe, avós, professores, meu irmão. Sempre tanta gente. E além disso carências antigas não se suprem. Mas foi bom porque pudemos ter saudades juntos daquele homem interessado num mundo seu.

MELHOR QUE A CLARICE LISPECTOR

– Sabe, filha, posso ser franco?

– Pode, pai – eu disse incerta.

Meus pais não eram fãs incondicionais de meus contos como eram de meus cabelos. Vocês já viram os pais de Woody Allen falando dos filmes dele? “Você não pense que é alguma coisa só por ter escrito uns roteiros.” Bem, não era nada parecido. Mas nunca ouvi da boca deles um elogio rasgado, sem poréns. E o patético da coisa era que meus contos era apenas cartas de dia dos pais ou das mães caprichadas!

– Eu acho que você escreve melhor que a Clarice Lispector.

Espanto total.

– Ah, não sei, você não tem as frescuras dela. – Meu pai fez gestos assim meio rococós.

– Eu estranho você dizer isso – desafiei meu pai – porque, na verdade, alguns contos da Clarice, eu acho que fui eu que escrevi.

Algo nessa última frase fez um click no meu pai. Ele se endireitou, seus olhos se arregalaram, e se fosse um cachorro suas orelhas teriam se levantado. Meu pai, na verdade, conseguia mexer as orelhas, então é possível que, de fato, elas tenham se eriçado como nos caninos.

– É mesmo, Guga?

– É, alguns contos...

Ele me interrompeu:

– Sabe que eu também? Eu sou o Frank Lloyd Wright. A Casa da Cascata fui eu que fiz. Inteirinha. Me lembro quando vi a cascata pela primeira vez e desenhei na minha cabeça os planos da casa. Nossa, e o escritório em Taliesin, como eu gostava de lá!

Taliesin era um conjunto de escritório e moradia construído por F. L. W. no meio do deserto. Meu pai não o visitou em suas idas aos Estados Unidos, pois ficava fora do circuito NY-Chicago-San Francisco. Mas quando eu e meu irmão fomos para o Arizona o incluímos no roteiro.

– Por isso me frustro com a falta de reconhecimento – ele continuou. Eu olho o Guggenheim Museum, que é aquele espetáculo de projeto, não só de projeto, de proposta, de arquitetura – as palavras iam ganhando ênfase, viravam outras coisas, vida, cultura – e não reconhecem o meu talento? Como é que pode?

Realmente, que mundo insano! Ali estavam batendo papo a Clarice Lispector e o Frank Lloyd Wright, dois verdadeiros revolucionários, e era um conto aqui, um projetinho ali. Tudo muito batalhado, muito suado. À porta, se o mundo tivesse alguma

lógica, estariam se degladiando editores e construtores, mas nós é que batíamos às suas portas, e celebrávamos como dois zé-ninguéns cada venda, cada publicação. Um elogio de escritor conhecido já me deixava muito contente, uma consignação em galeria já animava meu pai.

Meu pai foi percebendo aos poucos que eu escrevia, e acima de tudo que eu sabia o que era ganhar um concurso – “puxa, filha, primeiro lugar? eu só cheguei a ganhar um segundo lugar” – e o que era perder um concurso – “perder um concurso é como ser roubado à mão armada: da inscrição até a divulgação dos resultado o prêmio é teu, e no instante seguinte não te pertence mais”.

E isso fez de mim uma interlocutora interessante, bem interessante mesmo, melhor que a Clarice Lispector.

CORES NA NEVE

Quando fui para os Estados Unidos pela primeira vez, meu pai me deu uma pasta com fotos grandes de suas esculturas e disse, com um sorriso: “Toma. Vê se vende algumas. Chegando em Nova York, pegue nas ruas o Gallery Guide.”

Peguei a pasta também sorrindo, e guardei na memória a dica do guia. Instalada em Nova York, familiarizada com o mapa quadriculado de Manhattan, fui atrás do Gallery Guide. A maioria das galerias ficava no sul da ilha, e assinalei em vermelho aquelas que poderiam, pela descrição, ter interesse nas esculturas de meu pai.

Eu tinha 24 anos, escrevia bem e fazia mestrado. Mas ainda não sabia me vestir. Pus as botas de couro preto da minha última viagem ao exterior, os jeans, uma parka balofa que meu irmão me comprou e um gorrinho, tão charmoso nas modelos de cabelos longos, que em mim competia com os óculos por espaço na cara.

A pasta eu protegia da neve com um saco plástico.

Entrava nas galerias um pouco afobada, me desvencilhando do gorro e da neve nos ombros. Me perguntavam: “How may I help you?”, o que era muito bom. Aí eu dizia meu texto, segura: “Sou filha de um arquiteto e escultor brasileiro, que gostaria de saber se vocês têm interesse em suas obras. Tenho aqui um portfólio.”

Alguns me despachavam ali mesmo, exatos. Não temos mais espaço para novos artistas. Não trabalhamos com artistas de fora da cidade – outoftown. Não foi ainda aí que assimilei a objetividade com que os americanos dão nome às coisas. Ouvia o não e simplesmente me retirava, sem refletir muito.

Mas muitos me convidavam para entrar e tirar o casaco, o que eu fazia evitando que a neve derretida molhasse o portfólio. Alguns espalhavam as fotos em grandes pranchetas, e comentavam uma por uma, falando das cores, perguntando dos tamanhos, e apontando numa obra a força, na outra o diálogo com a arquitetura. Nas conversas aprendi a pronúncia correta de daughter, e também que alumínio se dizia simplesmente aluminum, e não aluminium, assim como escultor era sculptor, e não sculpturer. Também aprendi a gostar das esculturas de meu pai.

Às vezes faziam perguntas técnicas: como eram pintadas as peças? Eu respondia juntando fragmenos de diálogos cotidianos com meu pai. “Filha, atrasei porque fui pegar a peça no pintor” virava “meu pai utiliza métodos de pintura da indústria automobilística.” Muitos, ao final, me diziam: “Olhe, esse mercado é muito competitivo. As obras têm inegável qualidade. Eu gostei. Mas é preciso estar aqui, falar com as pessoas, ir às exposições.”

O americano é menos sórdido que o brasileiro, razão pela qual os achamos mais burros. Notavam meu esforço, e me cumprimentavam: “Que bonito você estar vindo

aqui pelo seu pai.” Tinham me recebido apesar de à primeira vista eu ser pura perda de tempo. Mas, agora percebo, havia algo insólito, quase literário, naquele Sancho Pança solitário batendo de porta em porta por todo o Soho, galeria após galeria. Eu não cabia na categoria dinheiro, ou trabalho, mas sim em ficção e entretenimento.

Alguns anos depois, meu pai, lendo uma história minha, disse ter se dado conta de quanto eu o amava. Escrevendo essa história me dei conta eu do amor envolvido em carregar um portfólio pelas ruas do Soho, na neve. Acho que sou, mais do que pensei no começo, um pouco como ele, um vendedor, batendo de porta em porta com cores para vender.

ALGUMAS REFLEXÕES

O primeiro conto acima foi escrito para minhas sobrinhas. Preparei um macarrão com molho de camarão, e todos elogiaram. Eu disse que o prato só não era muito casher. Aí pensei: “A não ser que os camarões sejam judeus”. Depois perguntei às meninas: “E se houvesse uma lagosta judia? E ela quisesse ser aceita como judia?” No jantar pensamos em tudo o que ela iria passar, e depois escrevi tudo no computador. Acho que é redundante dizer que o conto trata da alteridade. A lagosta é a “judia” dos judeus. Ela é obviamente judia: sabe argumentar e não tem medo de afirmar suas convicções. Mas ao mesmo tempo é um corpo estranho dentro da comunidade judaica... Nosso ponto de identificação aqui não é o rabino liberal, alheio a tudo. E é isso que faz rir, imagino. A gente se identifica com personagens estranhos ao nosso dia-a-dia: o rabino ortodoxo hesitante ou a determinada lagosta. Eles é que tomam as grandes decisões da história, sem explicar muito, sem refletir muito. No começo do artigo falei de um abismo entre o que somos e o que deveríamos ser. Deveríamos ser racionais e

liberais. Mas somos teimosos como a lagosta e temos nossos receios como o rabino gorducho. Se não tivéssemos ideais, não haveria do quê rir. Mas se estivéssemos (ou pensássemos estar) à altura destes ideais, também não riríamos.

O segundo conto, sobre os gogos, também trata da alteridade. Aparentemente, o defeito do outro é divertido. Mas será que é assim? As três histórias do conto mostram um jogo de espelhos complexo. Na primeira história, o fanho passa, de alvo de brincadeiras, a imitador. Ele é “elevado”, e não diminuído, pela imitação de meu pai. O engraçado na história não é que o operário é fanho. É que ele se tornou igual a todos, capaz de caçar, de imitar, de fazer pouco. O gogo cantando o Ode à Alegria vai no mesmo sentido: o gogo é capaz da alegria, da amizade e da beleza. Não é o defeito do gogo que faz rir, mas sua inesperada humanidade que, a terceira história mostra, é a humanidade de todos nós, velhos hoje ou amanhã. Estas histórias, contadas oralmente, já fizeram muitos cair na gargalhada. Comecei a escrever estes contos em parte por isso, por ver que as histórias tinham uma vida própria, que não eram apenas memórias de filha. Não sei se escritas são tão boas, mas a risada vem novamente deste abismo entre o que queríamos ser, perfeitos, jovens e bem falantes, e o que somos de fato, nem por isso menores. Nada há de errado em querer ser perfeito – meu pai falava excepcionalmente bem – mas a aceitação de nossos fracassos e das limitações do outro é fundamental para o viver ético, como muitos já notaram. A tensão entre as duas coisas é que é muito divertida.

Os dois contos seguintes tratam da morte, tema cômico judaico por excelência. Para os judeus, a morte não é algo banal. Mas também não é um tabu. Mesmo para morrer deve haver alguma dignidade. Não é assim, morreu e acabou. Há algo indigno no suicídio? Nem sempre. Pode ser uma saída honrosa quando as faculdades mentais ou

físicas não permitem mais uma vida digna. Mas é algo que nos faz baixar o tom de voz, é algo que nos deve fazer pensar. Há algo indigno em enterrar um homem honrado num terreno barato? Claro que não. Mas, por via das dúvidas, por que não gastar um pouco mais, num último gesto de respeito? Aqui, penso que o engraçado, se há, não é tanto este abismo entre o que somos e o que deveríamos ser, mas uma desconfortável incerteza a respeito do que deveríamos fazer.

Os quatro últimos contos tratam do trabalho. O primeiro, sobre um homem admirado por sua capacidade de trabalho, nem é muito engraçado, mas coloquei aqui por tratar deste tema do trabalho, de nossas capacidades e limitações. Não é à toa que o nome de Frank Lloyd Wright aparece nos dois contos seguintes. Ele é o ideal do arquiteto, um homem que rompeu barreiras, que propôs o novo e cuja marca está viva na arquitetura contemporânea. Se você se mede em relação a homens assim, vai ser uma pessoa frustrada. Ou um homem engraçado. Dizer “Eu sou o Frank Lloyd Wright” é engraçado, pois na frase estão expressos os dois contrários: a vontade de ser e sua impossibilidade. Se meu pai dissesse “Eu sou um arquiteto brasileiro tão genial como o Frank Lloyd Wright” não haveria a menor graça.

O último conto bate no mesmo tema: o patético de nossas lutas, o humano de nossas lutas. Eu o incluí aqui por trazer também a questão das heranças, tão caras ao mundo judaico. Nem adianta procurar ter ambições menores, e frustrações também menores. O bastão onde está escrito que você deve sempre procurar ser melhor, seja no campo da ética ou das artes, é seu. Dê risada, para manter-se são. Porque este abismo entre o que você deve ser e o que de fato é está impregnado em nosso modo de ser. Assim como o humor.